



Virtual e Economia: a segregação do pensamento pós-moderno¹

Leonardo Schabbach Oliveira²

Bernardo Veiga de Oliveira Alves³

Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ)

Resumo

Investigamos o pensamento pós-moderno e sua negação do fundamento, da verdade e do real, e também, a defesa por um pensamento funcional, submetido a modelos pragmáticos, com o único intuito de uma produção eficaz. Em função disto, o real é desvalorizado, para ser substituído por um pensamento virtual. Propomos que a não existência no virtual acarreta a não existência no real (não de forma ontológica, mas simbólica), o que gera um problema sobre o aspecto econômico. A não-representação dos países pobres na virtualidade das relações econômicas ocasiona a manutenção do *status quo* na sua própria condição de pobreza.

Palavras-chave

Pós-modernidade; Fundamento; Realidade; Globalização;

1. Introdução

A sociedade está passando por um “processo de virtualização” que gera um caminho nocivo à globalização. Isso porque, num mundo pautado pela tecnologia, cada vez mais as relações virtuais substituem as relações sociais e econômicas. Por este motivo, um processo de globalização que tem suas bases na “virtualização” se torna, na realidade, um processo excludente, responsável pelo agravamento dos abismos sócio-econômicos existentes entre as grandes potências e os países em desenvolvimento e, conseqüentemente, pela manutenção do *status quo*.

Para tornar clara essa proposição, analisaremos o pensamento pós-moderno, principal sustentador e incentivador deste “processo de virtualização”, de forma a aplicá-lo concretamente, através da observação de fenômenos virtuais recentes, para procurar

¹ Trabalho apresentado na Sessão Teoria da Comunicação, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Agradecemos ao professor Dr. Eduardo Refkalefsky pela orientação do artigo. (Professor da ECO/UFRJ, onde coordena os projetos de pesquisa “Novas estratégias de Comunicação” e “Comunicação e Religiosidade Brasileira”. Doutor em Comunicação e Cultura, com a tese “Estratégias de Comunicação e Posicionamento da Igreja Universal do Reino de Deus”. E-mail: ref@ufrj.br). Dedicamos o presente artigo ao professor Márcio Tavares d’Amaral (Eco/UFRJ) pela sua ajuda e paciência para nos explicar a filosofia pós-moderna e uma nova visão da história da filosofia.

² Aluno do curso de Graduação em Comunicação Social, 7º período, habilitação em Jornalismo, da ECO/UFRJ. Integrante do grupo de pesquisa “Novas Estratégias de Comunicação” do Prof. Dr. Eduardo Refkalefsky. E-mail: leoschabbach@hotmail.com

³ Aluno do curso de Graduação em Comunicação Social, 7º período, habilitação em Jornalismo, da ECO/UFRJ. Pesquisador com bolsa de Iniciação Científica. E-mail: bvoa@hotmail.com



entender como o virtual está conectado à globalização e como os paradigmas da sociedade atual, cada vez mais, tornam-no um perigo a tentativa de se construir um mundo globalizado.

Naturalmente, o estudo deve começar com a explosão das novas tecnologias, o que gerou drásticas mudanças de visão e comportamento na sociedade e propiciou o surgimento de um pensamento baseado no funcionalismo e na eficácia – que, por sua vez, coloca em dúvida os fundamentos, a verdade e o real. Vale lembrar também que este processo do pensamento já vinha se desenvolvendo durante alguns séculos, mas só agora teve o seu ápice, justamente num momento em que a sociedade vive um período de mudanças rápidas e de supervalorização da tecnologia.

Portanto, para começarmos a dissecar o “processo de virtualização” e a sua conexão com a globalização, nada mais sensato do que trazeremos à tona um pouco do pensamento pós-moderno e tentarmos não só entendê-lo, mas explicá-lo, fazendo uma conexão entre este pensamento e as mudanças trazidas pela tecnologia à sociedade contemporânea.

2. Sobre o pós-modernismo e a sociedade atual

Os fundamentos, a história, a verdade e o real acabaram. Isto é o que pregam os pensadores pós-modernos. Vivendo em uma época em que os grandes avanços tecnológicos impressionam e mudam drasticamente a maneira do homem perceber o mundo, estes pensadores – que de certa forma seguem um processo do pensamento teórico iniciado há alguns séculos – colocam em xeque, definitivamente, todas as certezas absolutas, como Deus a Razão e a Ciência.

Apesar de naturalmente reconhecerem que os fundamentos e o real existem, afinal todos os seres humanos estão inseridos neles, os pós-modernos, quando negam os valores absolutos, estão na realidade pregando um desinteresse por estes valores.

Numa época em que as mudanças sociais e econômicas são muito rápidas, eles propõem um pensamento baseado na eficácia. Eles aceitam o fato de que as certezas absolutas não existem (ou que o homem pelo menos não pode alcançá-las). Destituídos por isso de qualquer possibilidade de crença, tendo desta forma o nada como ponto de partida, os pós-modernos, vendo-se sem saída, optam pela valorização de sistemas funcionalistas. Estes são do tipo “façam as coisas funcionarem” (embora o pensamento funcionalista



independa do pós-moderno), o que gera, como consequência, uma supervalorização da tecnologia e também dos sistemas virtuais, que atualmente movem a economia mundial. E, assim, afirma Baudrillard:

Os modelos já não constituem uma transcendência relativamente ao real, são eles próprios antecipação do real, e não dão, pois, lugar a nenhuma tipo de antecipação ficcional – são imanentes, e não criam, pois, nenhuma espécie de transcendência imaginária. O campo aberto é o da simulação no sentido cibernético, isto é, o da manipulação em todos os sentidos destes modelos (cenários, realização de situações simuladas, etc. mas então *nada distingue esta operação da gestão e da própria operação do real: já não há ficção*. (BAUDRILLARD, 1991, págs. 152 e 153)

Esta supervalorização, porém, traz diversas questões e também problemas. Antes, entretanto, é interessante que se observe algumas razões pelas quais as evoluções tecnológicas atuais cooperam, e muito, para a popularização deste pensamento pós-moderno, como observa Lévy:

Isto não nos conduzirá a qualquer versão do determinismo tecnológico, mas sim à idéia de que certas técnicas de armazenamento e de processamento das representações tornam possíveis ou condicionam certas evoluções culturais, ao mesmo tempo em que deixam uma grande margem de iniciativa e interpretação para os protagonistas da história. (LÉVY, 2006, p. 10)

O transcendental histórico está à mercê de uma viagem de barco. Basta que alguns grupos sociais disseminem um novo dispositivo de comunicação, e todo o equilíbrio das representações e das imagens será transformado, como vimos no caso da escrita, do alfabeto, da impressão, ou dos meios de comunicação e transporte modernos. (Id., Ibid., p. 16)

O impacto causado pelos computadores e pelo advento da Internet, por exemplo, pode ser considerado essencial para este processo. Com eles, hoje já é possível que uma pessoa participe de inúmeras comunidades virtuais e possa adotar diferentes identidades (o que desvaloriza ainda mais o papel do sujeito) e viver uma vida virtual.

Apesar de todas estas possibilidades, até pouco tempo atrás esta vida no mundo virtual ainda estava muito ligada à realidade e não passava de um divertimento. Ou seja, havia ao mesmo tempo a vida nos dois planos: o real e o virtual. Mais recentemente, em 2003, porém, um programa chamado “Second Life” foi criado com a proposta de fornecer uma vida inteira para a pessoa no mundo virtual. Inclusive, no vídeo de propaganda do jogo



é apresentado um personagem virtual que relata ter abandonado totalmente a sua vida no mundo real e ser agora apenas aquele ser que habita o “Second Life”.

O exemplo do tal programa só serve para ressaltar que cada vez mais a sociedade caminha para uma existência ainda mais virtual e que chegará uma hora em que a humanidade precisará escolher entre os valores reais e virtuais ou procurar por um novo paradigma (fato não admitido pelos pós-modernos).

Ainda se tratando da crise do real, podemos observar outros fenômenos gerados pela tecnologia que aceleraram o processo de destruição dos valores absolutos. Quando pensamos que a memória que antigamente era registrada em armazenadores reais ou passada pela fala de pessoa para pessoa pode agora ser armazenada em meios digitais, nos deparamos com um novo problema.

Primeiramente, o homem, vendo-se diante desta possibilidade de armazenamento da informação, liberta-se da obrigação de transmitir esta memória, o que mais uma vez o desvaloriza como sujeito (neste caso, da transmissão), como já afirmara Platão na sua crítica à escrita:

Falam das coisas como se as conhecessem, mas quando alguém quer informar-se sobre qualquer ponto do assunto exposto, eles se limitam a repetir sempre a mesma coisa. Uma vez escrito, um discurso sai vagar por toda parte, não só entre os conhecedores mas também entre os que o não entendem, e nunca se pode dizer para quem serve e para quem não serve. Quando é desprezado ou injustamente censurado, necessita do auxílio do pai, pois não é capaz de defender-se nem de se proteger por si. (PLATÃO, 2003, pág. 120)

Todavia, a grande questão é a desvalorização do próprio real. Isso porque, uma vez que a informação se encontra em meios digitais, ela se torna manipulável. Desta forma, passamos a viver em uma época em que a própria evidência, os próprios registros da realidade, podem ser postos em dúvida e, mais uma vez, as certezas absolutas são fortemente abaladas.

Hoje, qualquer um que tenha acesso aos meios digitais, à Internet e aos programas certos pode montar uma história própria, totalmente fictícia, inclusive, e existir no mundo virtual, como bem descreve d’Amaral:



A operação ficcional tem isto de diferente da operação do conceito: enquanto conceito, tipo abstrato, converte, pela definição, o mundo numa *realidade finita*, e produz uma *atualidade concreta* (e por isso controlável), a ficção, palavra concreta, converte, pelo prazer e ao acaso, o mundo numa *virtualidade infinita*, e produz uma *extemporaneidade múltipla* (e por isso imprevisível). O pensamento como ficção é o infinito lançar-se estratégico na extemporaneidade do múltiplo. (...) Para o pensamento-ficção, trata-se, portanto, de nem ser meramente atual, nem simplesmente utópico, mas *extemporâneo*. É bem do presente que se trata, hoje e aqui: “o mundo presente, os homens presentes, / a vida presente”. Mas não do presente como momento atual do conceito; o presente da extemporaneidade, eis como a vida anima o pensamento a trabalhar, ficcionando possíveis. (D’AMARAL, 2004, pág. 89)

Entretanto, atualmente, esta existência virtual já transpôs barreiras e o existir virtualmente também significa existir no real. Além disso, e neste ponto surge um grande problema, cada vez mais não existir no virtual está se tornando também não existir no real. Deve-se compreender que não é uma não existência ontológica do real, mas uma não existência aparente, simbólica em relação ao virtual. Portanto o pensamento pós-moderno não nega a realidade, mas a despreza, o que o diferencia do pensamento sofista, que beira ao niilismo.

Assim, o sofista Górgias tende a um certo niilismo ontológico na frase “*nada existe; se existe, não pode ser conhecido; se conhecido, não pode ser transmitido*” (apud MARTINS, 2004, pág. 28) e um pós-moderno, por outro lado, jamais afirmaria a não-existência da realidade, visto que, de certa forma, ele constata, mesmo que talvez inconscientemente, a existência do virtual a partir do real. A não-realidade do pós-moderno decorre de uma ignorância voluntária. Mas não é possível dizer, a princípio, que os pós-modernos são superficiais na sua visão de mundo. Por não buscarem o verdadeiro fundamento do real. Isto porque há uma coerência no seu modo de pensar na medida em que não há um juízo contraditório sobre o real, e sim um profundo desprezo. A sua superficialidade decorre desta excessiva atenção que dedicam ao seu objeto de contemplação: o virtual.

Levando tudo isso em conta, percebemos o enorme risco do pensamento pós-moderno. Apesar de todos os fenômenos tecnológicos estarem ocorrendo e de parte da população estar vivendo esta possibilidade de negação da realidade e de valorização do virtual, é apenas parte, e a menor parte, desta população que está incluída neste processo. Em continentes mais pobres como a África e alguns países da Ásia, por exemplo,



populações inteiras estão fora de todo este processo. Por este motivo, fica a pergunta: quais as conseqüências deste pensamento pós-moderno para mais de um bilhão de pessoas (segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano de 1997, produzido para o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD⁴) que estão à margem deste processo?

A resposta é simples. Caso este pensamento venha a se difundir, como cada vez mais vem acontecendo, e se tornar o único e o processo de existência no real só puder ser alcançado através da existência no virtual, será como se esses bilhões de pessoas simplesmente não existissem, assim como os fundamentos já não existem para os pós-modernos, assim como a realidade não existe para os pós-modernos.

Logicamente, caso isto aconteça, graves problemas sociais afligirão o mundo. De certa forma, estes problemas já começam a se apresentar. No Relatório de Desenvolvimento Humano de 1997, foi constatado que, apesar de a pobreza ter diminuído nos países desenvolvidos por causa do boom tecnológico e da globalização, nos países que ficaram de fora deste processo a situação piorou, e muito. O levantamento mostrou que, em duas décadas, a participação destes países no mercado mundial caiu pela metade. A razão disto ter acontecido? O processo de “virtualização”, descrito por Lévy:

Enquanto objeto virtual, a moeda é evidentemente mais fácil de trocar, de partilhar e de existir em comum que entidades mais concretas como terra ou serviços. Reencontramos na invenção e no desenvolvimento da moeda (e dos instrumentos financeiros mais complexos) os traços distintivos da virtualização, que são não apenas o arrancar-se ao aqui e agora ou a desterritorialização, mas igualmente a passagem ao público, ao anônimo, a possibilidade de partilha e de troca, a substituição parcial do jogo incessante das negociações e das relações de força individuais por um mecanismo impessoal. A letra de câmbio faz circular um reconhecimento de dívida de uma moeda a outra e de uma pessoa a outra, o contrato de seguro mutualiza os riscos, a sociedade por ações elabora a propriedade e o investimento coletivo. Outras tantas invenções que prolongam as da moeda e que acentuam a virtualização da economia. (LÉVY, 2005, pág. 52)

Estes países mais pobres, por estarem à margem das revoluções tecnológicas, perdem representatividade no mundo virtual e, como visto anteriormente, deixam cada vez mais de existir no real para os demais países desenvolvidos. Por causa disso, a sua não existência, podemos dizer assim, faz com que o seu poder e a sua participação econômica

⁴ <http://www.pnud.org.br/hdr/hdr97/rdh7-6.htm>, acessado no dia 18/01/2008, às 12h 51min



também diminuam. A grande consequência disto é um aumento da pobreza nestes países e o aumento das desigualdades entre nações desenvolvidas e não desenvolvidas.

Além disso, a própria população destes países mais pobres sofrerá as consequências do aumento da desigualdade e verá a sua situação social e financeira se degradar ainda mais.

Os que defendem a globalização dizem que essas populações e esses países mais pobres devem tentar participar mais efetivamente do processo de globalização e que esforços precisam ser feitos pelos países desenvolvidos para tal. A questão é que, enquanto não houver a possibilidade das nações subdesenvolvidas se “virtualizarem”, elas continuarão sendo excluídas e cada vez mais pobres, até deixarem de existir para o restante do mundo.

Por todos estes motivos, é que o pensamento pós-moderno, que embarca na idéia de que este processo de virtualização é inevitável (alguns com fanatismo e outros com desgosto) não deve ser encarado como a única possibilidade. Para evitar que bilhões de pessoas simplesmente deixem de existir, é necessário que um novo paradigma seja proposto e adotado em escala mundial.

3. Conclusão

Por fim, podemos perceber que se aplicarmos o pensamento pós-moderno de uma maneira prática e observarmos atentamente o processo de “virtualização” pelo qual o mundo vem passando, nos deparamos não apenas com problemas nas relações sociais, mas também com uma grave situação econômica.

Num período em que se valoriza a globalização e se exalta a velocidade da informação e o achatamento espacial, que leva ao rompimento das fronteiras físicas (uma vez que, através da internet, pode-se negociar com quase qualquer parte do planeta), nota-se que este mesmo caminho tão superestimado, embora possa dinamizar a economia e gerar mais lucros e em maior velocidade para os países ricos, acarreta um agravamento das diferenças sociais entre as potências econômicas e as nações mais pobres. Isto é, apesar de a globalização, propiciada na atualidade através do processo de “virtualização”, gerar mais lucros aos países desenvolvidos e permitir que eles reduzam os níveis de pobreza dentro de seu território, ela também gera um esquecimento dos países subdesenvolvidos, que cada



vez mais participam menos do comércio mundial e, por isso, vêm a sua situação financeira e social se agravar a cada dia.

Notamos, então, que este esquecimento se dá justamente por causa do que chamamos de “processo de virtualização”. Uma vez que cada vez mais existir no virtual se torna essencial para que aja uma existência real, os países que não tem a tecnologia para se fazerem representar no mundo virtual acabam excluídos do comércio mundial. É como se entrassem numa espécie de não-existência, uma vez que, pelo fato de o mercado cada vez mais estar atrelado aos negócios virtuais, estes países, por não possuírem uma representação virtual, acabam perdendo importantes fatias comerciais e se tornam cada vez mais pobres e desiguais.

Por todos estes motivos, é possível afirmar que a “virtualização” é sim um caminho perigoso à globalização. Entretanto, há de se convir, que, pelo menos por enquanto, é difícil de se imaginar um mundo globalizado onde não existam, ou talvez predominem, as relações virtuais. Pensando desta maneira, duas possibilidades se apresentam. A primeira seria uma tentativa de diminuir a exclusão digital e, de alguma maneira, incluir o maior número de países nos negócios virtuais. A outra, seria a busca por um novo paradigma, que, embora não necessariamente excluísse o processo de “virtualização”, tornasse-o algo diferente, menos importante e mais brando. Ou seja, um paradigma que, de alguma maneira, englobasse as duas existências, no real e no virtual.

Referências Bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulações*. Lisboa: Relógio d'Água. 1991.
- D'AMARAL, Marcio Tavares. *Comunicação e diferença*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34. 14ª ed. 2006.
- _____. *O que é o virtual?*. São Paulo: Editora 34. 7ª ed, 2005.
- MARTINS, Ives Gandra Filho. *Manual esquemático de história da filosofia*. São Paulo: LTR. 2004.
- PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret. 2003
- VEIGA, Bernardo; REFKALEFSKY, Eduardo (orientador). *O neosofismo estruturalista de Jacques Derrida*. Trabalho apresentado no III Intercom Júnior — Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos (SP), agosto / setembro de 2007.

Site

<http://www.pnud.org.br/hdr/hdr97/rdh7-6.htm>, acessado no dia 18/01/2008, às 12h 51min